

ESCREVIVÊNCIAS AGROECOLÓGICAS

Círculo de Saber: Conhecimento, saberes e práticas educativas nos movimentos sociais e comunidades tradicionais

Resumo:

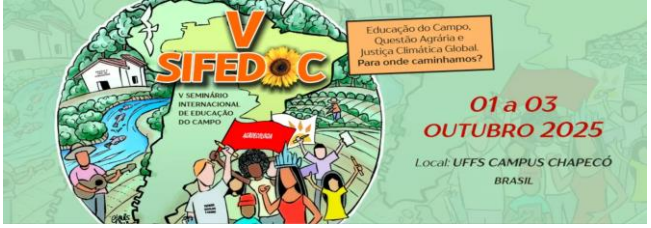
Este trabalho se constrói a partir da trajetória de vida de um agricultor agroecologista atualmente assentado no município de Canguçu/RS. A partir de suas escrevivências, o autor principal do trabalho revisita memórias de luta e compartilha os saberes construídos a partir das mesmas. A luta pela terra é o fio condutor desta narrativa, que articulado a Ecoespiritualidade e aos Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, conduz a compreensão da Agroecologia como projeto de vida e de sociedade. Ao final, propõe uma reflexão que coloca a Agroecologia no centro da formação em Educação do Campo, como caminho para reconexão humano/natureza/espírito.
Palavras-chave: Agroecologia; Ecoespiritualidade; Reconexão humano/natureza/espírito

1 INTRODUÇÃO

O município de Canguçu/RS é composto por minifúndios, reconhecido como capital da agricultura familiar. Todavia, é notável o avanço do agronegócio com a monocultura da soja ocupando o território, por compra ou arrendamento de terras, o que descaracteriza o ambiente natural, social e cultural, promovendo silenciosamente o êxodo rural. Nesse contexto de conflitos, reafirmo minha convicção na agroecologia como resiliência e alternativa de projeto de vida, desenvolvimento e sustentabilidade integral. Pelo viés dinâmico da agrobiodiversidade e sua dimensão econômica, social, cultural, ecológica e solidária.

O autor principal deste trabalho é o oitavo filho de uma família composta por mais quatro irmãs e seis irmãos. Cresceu aprendendo na prática a ser agricultor. Com o passar do tempo, começa a buscar a origem e a causa de ser sem-terra e sem casa própria, chega na árvore genealógica, descobrindo que seu pai e sua mãe foram a primeira geração não escravizada.

Diante desta situação, estava convencido a ir morar na cidade. Nesse momento surgem alguns questionamentos: quando a agroecologia começou a fazer parte de minha trajetória, filho de agricultores sem-terra e não alfabetizados? Foi quando, com 22 anos, participo em um encontro de jovens da Pastoral da Juventude Rural, no Centro de Tecnologias Alternativas Populares (CETAP), no município de Passo Fundo-RS. Foi nesse evento que ouvi e conheci as técnicas e práticas de produção



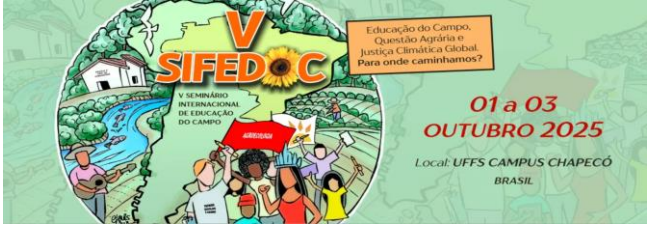
na agricultura alternativa, sem o uso de agrotóxicos, adubos químicos sintéticos, isso mudou minha percepção sobre o meio rural.

2. PERCURSO METODOLÓGICO: ESCREVIVÊNCIAS E O SUJEITO ESCREVIVENTE

Foi a partir das minhas escrevivências que desenvolvi este trabalho, pesquisando e dialogando com as famílias que já fazem a agroecologia e com aquelas que estão no processo de transição agroecológica, em Canguçu.

Neste termos, convém reiterar que o autor principal desta pesquisa é um homem, negro, descendente de escravizados, militante do MST e agricultor agroecologista, de forma que é a partir deste lugar de fala que procurei registrar minhas escrevivências, conforme definido por Evaristo (2020) como

> Um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente (...) que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande (...) uma proposta em que tanto a memória como o cotidiano, como o que acontece aqui e agora, se transformam em escrita. Essa história silenciada, aquilo que não podia ser dito, aquilo que não podia ser escrito, são aquelas histórias que incomodam, desde o nível da questão pessoal, quanto da questão coletiva. A escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia (...) É uma escrita em que o sujeito se coloca no seu espaço de pertença, no seu espaço de nascença, no espaço de vivência – porque o deslocamento cria elos afetivos, com o lugar que ele passa a habitar, além da memória do espaço e de onde ele veio. Normalmente, o texto acaba muito fincado nesses espaços, que eu chamo também de geografia afetiva. O sujeito vai narrar fatos muito próximos de sua vida ou da sua coletividade, e isso é uma forma, uma produção, sem sombra de dúvida, de uma escrevivência. (...) A literatura dialoga com várias áreas do conhecimento. E mais do que isso, tem a capacidade de convocar as pessoas, de falar na sensibilidade das pessoas. Eu gosto muito de dizer isso: ninguém chora diante de um dicionário e as palavras estão



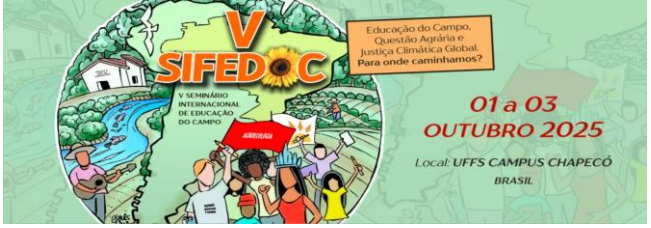
> lá, arrumadas bonitinhas. Mas elas só ganham sentidos, elas só te tocam se você transformar em uma vivência possível, que você já observou, até em uma ficção. A palavra “paixão” por si só não significa nada, mas quando você para para pensar sobre a palavra “paixão”, você deve lembrar das suas paixões, dos seus ódios, dos seus jogos de sedução e dos jogos de sedução que fizeram com você. (EVARISTO, 2020)

3. A PASTORAL DA TERRA E O DESPERTAR DA ESPIRITUALIDADE

Como muitos meninos da minha geração, tinha minhas inquietações e inconformismo com a situação e sonhava com outra realidade mais confortável. Porém, não tinha ninguém com afinidade para conversar e decifrar o enigma. Para minha mãe não bastava aprender a fazer agricultura, era necessário desenvolver a ecoespiritualidade, participando da catequese, dos sacramentos e da iniciação à vida cristã. Aos dezoito anos comecei a me encontrar, foi quando tomei a firme decisão de seguir Jesus Cristo Ressuscitado de Nazaré, vivendo sua mensagem e ensinamentos, professando minha fé Católica, atuando anos depois como catequista.

Em 1988 me engajei na vivência da campanha da fraternidade, com o tema: “Ouvi o clamor deste povo Senhor”, refletindo o centenário da abolição da escravidão no Brasil, e suas consequências até os dias atuais, enfrentadas pela população negra. Em março do mesmo ano, pela primeira vez, participei da Romaria da Terra, na Cascata, Quinto Distrito de Pelotas, ambiente remanescente de quilombos. Neste ano fiz várias formações políticas, ingressando no grupo Agentes de Pastoral do Negro. Em 1991 e 1992, fiz um discernimento vocacional no seminário diocesano São Francisco de Paula, em Pelotas, concluindo o ensino fundamental, mas devido às dificuldades econômicas e sociais parei de estudar, voltando para o núcleo familiar. Então fui trabalhar e morar com meus padrinhos e participando da Escola Missionária, me preparando para atuar nas Missões Populares na Diocese de Pelotas.

Em janeiro de 1995, fui informado sobre o encontro de iniciação à agroecologia, promovido pela Pastoral Rural em Pelotas. Decidi participar com a intenção de aprender, para não mais usar agrotóxicos nos pomares, e seguir na prática às diretrizes da Agroecologia. Neste encontro foi planejada uma formação técnica no Centro Agroecológico de Ipê, na feira ecológica e cooperativa Colmeia, em Porto



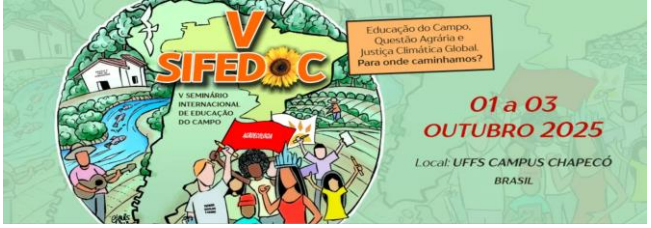
Alegre. Neste evento, me identifiquei com o movimento agroecológico, um horizonte novo mostrando alternativas para permanecer e pertencer a sociedade camponesa pelo viés da agroecologia. Nesse tempo de estudo sobre agricultura e a agroecologia, a produção diversificada e comercialização direta, me chamou atenção os cultivares produzidos pelo agrônomo Edelvino Magro, inventor do biofertilizante Super Magro.

A opção pelos agricultores familiares sempre foi o guia da pastoral rural, para emancipar os sujeitos do campo, com formação teológica, técnica, pastoral, espiritual e humanitária. Esse processo evolutivo da espiritualidade é uma cooperação mútua, entre a inteligência intelectual e a inteligência espiritual, uma unidade complementar, que se forma dentro do coração humano. A espiritualidade envolve e internaliza os sentimentos e procedimentos ecológicos, que podem ser vivenciados conforme essa afirmação da Carta da Terra (2000, p-2) “Reconhecer que todos os seres são interligados e cada forma de vida tem valor, independente do uso humano.” Eco Espiritualidade é uma fonte de energia renovável, que energiza as convicções utópicas para tornar-se uma nova realidade, que constrói oásis nos desertos da vida (existenciais). Ressignificando a casa comum, as planícies da diversidade de seres vivos, embelezando as montanhas com a educação ecológica e irrigando com a sabedoria ancestral. (CARTA DA TERRA, 2000).

4. A FEIRA, A ARPA-SUL E A CONSOLIDAÇÃO DA AGROECOLOGIA COMO PROJETO DE VIDA

A ação comum da Pastoral da Rural e do Centro de Apoio à Produção Agroecológica (CAPA), objetivando a fundação de uma associação, realizaram um curso de Associativismo e Cooperativismo, em parceria com a Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). Este curso estruturou o meu equilíbrio entre fé, política, agroecologia, saúde e sustentabilidade. Em setembro 1995, foi fundada em Canguçu a Associação dos Agricultores Agroecologistas da Região Sul (ARPA-SUL), da qual fiquei sócio fundador e vice-tesoureiro. No dia 18 de novembro de 1995 teve início a primeira feira em Pelotas.

Mesmo não tendo terra cultivei a mística e mantive a esperança de ser agricultor agroecológico. Em dezembro de 1995, saí da Colônia Santa Maria, Sétimo Distrito, e fui morar na localidade Passo da Micaela, Quinto Distrito de Pelotas. Um

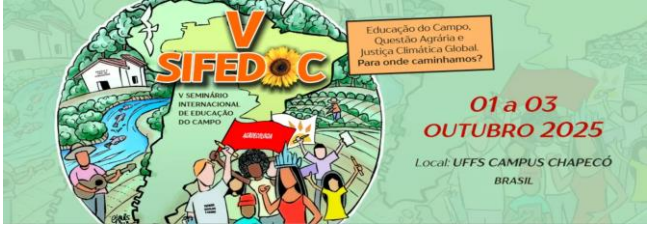


sistema de parceria em um projeto de professores da UFPEL. Foram dois anos e seis meses de práticas e aprendizagens inovadoras tecnicamente, embasadas nas Ciências da Natureza, com resultados econômicos satisfatórios. Porém, o projeto foi interrompido, então, me mudei para Colônia Santa Bernardina, continuando no Quinto Distrito, na família Souza em acordos de cooperação harmônica solidária. Continuei fazendo agroecologia e comercializando na feira ecológica ARPA-SUL.

Hoje, existem várias associações com diferentes finalidades, sendo referência à Associação Regional dos Produtores Agroecologistas da Região Sul (ARPA-SUL), que mantém sua Feira Ecológica em Pelotas e em Canguçu. Essa aproximação recíproca, entre produtores e consumidores é a pedra angular da superação das arestas sociais e hegemônicas produzidas e pré-estabelecidas pelo sistema capitalista. Organizar o bem viver e integrar a diversidade dos saberes diferentes com as dimensões dos conhecimentos científicos são os resultados esperados a médio e longo prazo da ARPA-SUL, um organismo vivo tangendo o tecido social da Intercooperação dos modos de vida no campo e na cidade. Assim, a ARPA-SUL é mais uma configuração de um projeto alternativo, que pode ser chamado de ecossocialismo.

De acordo com Maciel e Troian (2022), a agricultura familiar se estabelece como uma estrutura produtiva que envolve família-produção-trabalho, o que influencia diretamente na forma de como os agricultores familiares se articulam social e economicamente, já que as estratégias estabelecidas pelas famílias tendem a assegurar sua sobrevivência e garantir a sua reprodução. Visto que, o modo de organização produtiva adotado ultrapassa a visão de produção/rentabilidade econômica pois considera também as necessidades e objetivos familiares. Nesses termos, a agricultura familiar é uma categoria gerada nas transformações experimentadas pelas sociedades capitalistas desenvolvidas, pois o que antes era um modo de vida, converteu-se em uma forma de trabalho.

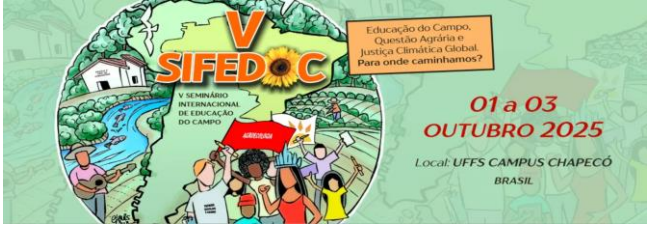
Diante dos fragmentos da agricultura familiar dentro do modelo capitalista de desenvolvimento rural insustentável existe uma narrativa que a agroecologia não tem aptidão para produzir o suficiente para alimentar as sociedades. Essa narrativa tem o propósito de gerar desconfiança, insegurança e atrapalhar o processo de iniciativa camponesa por uma política de transição agroecológica subsidiada (STAUFFER et.



al., 2021). Nesse contexto, a agroecologia como área do conhecimento e saberes científicos, se apresenta como alternativa para a agricultura familiar, com ênfase na resiliência humana corpo-mente e espírito. Reconectando o ser humano consigo mesmo, e com a poesia viva da natureza, religando com a leveza da vida transcendental. Nesse sentido, a agroecologia sabe da necessidade da saúde integral dos agricultores familiares, como um ponto de vista de partida e outro ponto de vista de chegada, para poder transformar pela força do seu trabalho e o manejo técnico nos agroecossistemas de produção de alimentos, interligados com a reciprocidade entre agricultura, ser humano, agroecologia e o movimento agroecológico (COSTABEBER, CAPORAL, WIZNIESWSKY, 2013). Segundo Chico Mendes, “Agroecologia sem luta de classe é jardinagem.”

Nos últimos tempos a agroecologia ganhou uma dimensão acadêmica, um nicho de literatura embasada, na pesquisa dos saberes populares e ratificada em experimentos laboratoriais gerando conhecimentos científicos e filosóficos. A abundância de materiais literários, técnicos e científicos disponíveis ainda não atingiram na mesma velocidade as dimensões práticas e necessárias de transições para produzir alimentos agroecológicos e comercializados a preços justos, que instigam a adesão dos consumidores ao processo de transição alimentar agroecológica. (PETERSEN, 2013)

Os investimentos na agroecologia por parte do Estado são escassos, as unidades de produção agroecológica consolidadas têm o suporte diferencial das Organizações não Governamentais (ONGs). Nesse processo de transição agroecológica, a superação do paradigma da modernização exige uma mudança de mentalidade e uma visão política que apoie práticas agroecológicas por uma lei que torne a agroecologia em uma política pública e como inovação social a sua certificação. Com mais recursos financeiros, disponíveis o suficiente e com juros acessíveis para estruturar a unidade de produção familiar com as tecnologias adequadas para o desenvolvimento da agrobiodiversidade sustentável. Faz parte do processo múltiplo diverso produtivo, a remuneração diferenciada da assistência técnica em agroecologia, atuando nas propriedades e fazendo a recuperação orgânica do solo, a implantação de agroflorestas em áreas degradadas, se apropriando da lei vigente de pagamentos por serviços ambientais. Porque a agroecologia é uma



maneira dinâmica de fazer a agricultura, pecuária e agroindústria familiar e está presente em diferentes agroecossistemas de produção: permacultura, biodinâmica, agroflorestal, holístico, natural, orgânica. Em todos os agroecossistemas, a agroecologia desperta uma nova compreensão humana da natureza, pela informação e vivência é construída a consciência ecológica, submissa às exigências éticas interdisciplinares no âmbito social, ambiental, econômico, cultural, planetário e humanitário. (MALUF, 2013)

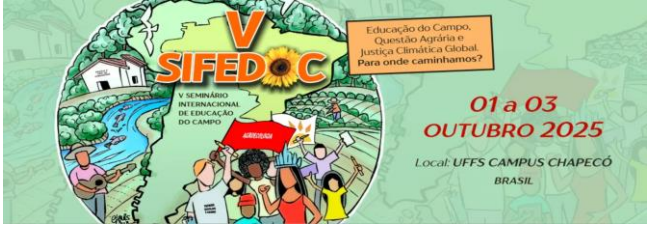
Da porteira para dentro da unidade de produção agroecológica, as agricultoras e os agricultores têm um índice cognitivo de aprendizagem e na prática sabem aplicar os conhecimentos técnicos/científicos, a teoria auxilia a prática e a prática confirma a teoria. A agricultura é uma vocação humana e a agroecologia uma missão e responsabilidade interligada e interdependente com todos os seres vivos no planeta terra. É por esse viés profissional que a agroecologia é uma alternativa e possibilidade de sustentabilidade na agricultura familiar. A sábia intervenção humana sempre busca o equilíbrio complementar, a produção de alimentos e o meio ambiente, os resultados positivos esperados são variáveis e heterogêneos, a curto, médio e longo prazo. (COSTABEBER, CAPORAL, WIZNIESWSKY, 2013)

5. A LUTA PELA TERRA COMEÇA NO ACAMPAMENTO DO MST

Em dezembro de 1999, o projeto de investimento do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), direcionei o investimento à agroecologia, o qual foi dificultado pelo técnico da Emater de Pelotas.

Isso me instigou a pensar em acampar. Indaguei na feira sobre quando sairia um acampamento do MST, dias depois recebi a informação sobre o novo acampamento. No dia 31 de janeiro de 2000, saímos pela madrugada do município de Capão do Leão. Chegamos à Encruzilhada do Sul /RS, ingressando no acampamento Bom Jesus, em torno de 16 horas de marcha, eu preparado para lutar por 5 anos pela conquista da terra. Logo construímos nosso barraco coletivo. Viver a nova realidade comunitária me transformou no processo de conscientização como parte da classe trabalhadora sem-terra, para construir um novo projeto de sociedade.

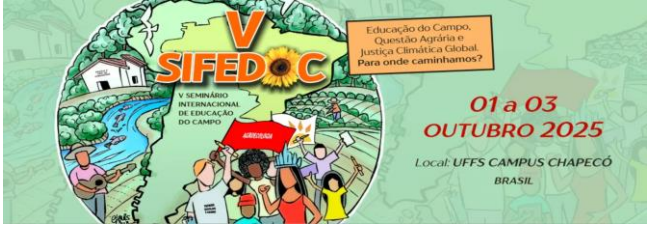
A infraestrutura do acampamento é composta por uma farmácia natural, conduzida por pessoas conhecedoras das plantas e seus benefícios para imunidade



e saúde humana; uma secretária para ajudar na organicidade; Escola Itinerante, propondo uma educação inculturada; a Ciranda, para garantir a participação das mães nas reuniões e nas decisões; o barraco da alimentação, onde fica guardado todo estoque de alimentos, que são distribuídos conforme a necessidade de cada família; uma horta para ajudar na merenda escolar; um campo de futebol de sete, como espaço de cultura e lazer; os banheiros; as guaritas em torno para segurança coletiva. Na minha percepção, o acampamento na prática da convivência se apresentou como escola multidisciplinar e como laboratório de embriões do novo homem e da nova mulher, com os valores da ética, solidariedade, empatia e compromisso com os direitos humanos integrais. Neste contexto, tive a percepção que a luta pela reforma agrária mexia na estrutura fundiária, mas outro conflito é o tema da agroecologia organizada dentro da reforma agrária, porque mexe com setores da sociedade ainda desconhecidos pela futura família beneficiada com a conquista da terra.

Falando da experiência vivida, como coordenador de núcleo, equipe de religião, coordenação geral e da direção do acampamento Bom Jesus em Encruzilhada do Sul. O núcleo é um espaço de autonomia, de ensino e de aprendizagem na prática da convivência, organização comunitária, limpeza, higiene e alimentação. Depois de escolher pelo voto uma mulher e um homem, para coordenar o núcleo, cada pessoa assume uma equipe de trabalho; um homem e uma mulher para representar o núcleo na equipe específica, que faz a primeira reunião no acampamento. Essa equipe escolhe um homem e uma mulher para representá-la na coordenação geral do acampamento, que é a segunda reunião no acampamento, com o suporte da direção. Tudo isto volta para o núcleo.

Fui escolhido para ser e fazer parte da direção do acampamento. O que me fez sentir o peso da responsabilidade, fazendo juramento no dia da posse da nova direção, passando por baixo das ferramentas, seguradas pelas mãos dos responsáveis pela infraestrutura. Essa missão confiada, democraticamente escolhida pelo voto participativo, aprimorou minhas relações e compreensão humanas, e oportunizou fazer cursos de Agroecologia e de militância, fazer Frente de Massa, isto é, organizar famílias sem-terra para ingressar na luta pela Reforma Agrária, aderindo ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST). Nesse contexto aprendi a me



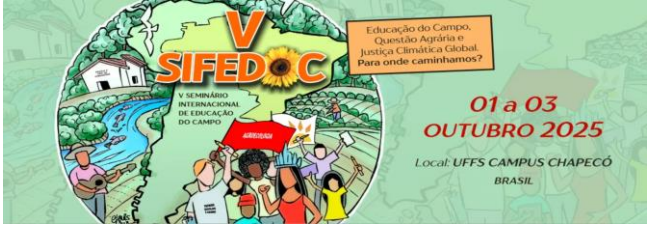
reinventar, fazendo na prática parte dos conflitos, desde o início ajudando a organizar um acampamento, no histórico monumento Batalha do Seival, em Bagé.

O exercício da democracia participativa põe em evidência a prática dos oprimidos se libertarem da ideologia dominante, dos esquemas de exploração e opressão. Cada dia é uma aula integral. É um direito de ensino e aprendizagem pelo viés histórico popular, sobre a invasão letal do capitalismo europeu, com a presença Portuguesa no território indígena, logo com a escravidão africana neste mesmo território colonizado, e a substituição da mão de obra escravizada pela a assalariada dos imigrantes, como parte da política de embranquecimento, mantendo a problemática posse e distribuição da terra, até os dias atuais. Persiste a necessidade de fazer a Reforma Agrária Popular, proposta do MST.

A Mística diária, em todas equipes, núcleos e coordenação, é uma fonte de energia espiritual renovável, uma sinergia de seres humanos renascendo de suas culturas oprimidas. A importância da mística e da espiritualidade, diante das adversidades que a própria realidade produz, insegurança, dúvidas, medo, vontade de desistir. A mística renova o ardor coletivo, gerando sentimentos da utopia do esperançar. Esse envolvimento coletivo produz o senso crítico e a sensação de bem-estar nos sujeitos protagonistas da inclusão emancipadora, fazendo as rupturas e mudanças de dentro para fora. Em todas as manhãs de domingo todo povo no acampamento era convidado a participar da celebração da palavra de Deus, pelo viés ecumênico e inter-religioso, preparada pela Equipe da Religião. Nesse momento terapêutico, de reflexão, conexão com a energia do universo, pensar a vida comunitária e a luta organizada com profundidade, criando condições para o cultivo do amor próprio, do projeto de vida, do equilíbrio emocional e psicológico, da consciência política e da classe social .Ao entardecer um baile para complementar a jornada.

Em setembro de 2000, saímos do acampamento de ocupação no pátio da Receita da Fazenda Federal e do INCRA, e chegamos no saguão da câmara da Assembleia Legislativa do parlamento gaúcho. Iniciando um jejum de 32 horas, reivindicando terra para assentamento, entre outros requerimentos de pauta.

Em novembro daquele mesmo ano aconteceu o sorteio das terras disponíveis para instalação de assentamentos da reforma agrária, o nosso núcleo já com o nome escolhido do futuro assentamento, Mãe Terra, foi sorteado para Canguçu. Saímos de



Pântano Grande ao entardecer do dia 21 de março de 2001 e chegamos na madrugada. Porém, a terra não foi o suficiente para as 15 famílias, de forma que mais 2 pessoas e eu decidimos esperar a próxima oportunidade, uma nova área em Canguçu. Seguimos organizados fazendo a junção das famílias que também restaram, formando o núcleo Perseverantes na Luta, e continuou ser o nome do assentamento, a partir do dia 22 de novembro de 2001.

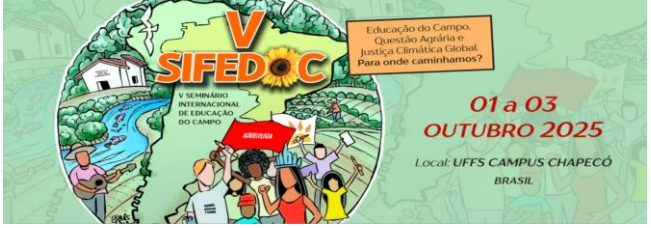
6. A CONQUISTA DA TERRA: O SONHO SE TORNA REALIDADE

No dia 5 de janeiro de 2002, cheguei no assentamento e permaneço morando em um barraco de lona, fazendo o mínimo de olericultura, até a manhã de 14 de dezembro de 2002, data do sorteio dos lotes, fui contemplado com o lote número 5. No mesmo mês me mudei definitivamente para a terra prometida, coletivamente conquistada, para desenvolver o projeto de vida ancorado no princípio da fé, da agroecologia e da política do bem comum. Sem esperar a colheita, semeie as sementes da agroecologia, sementes crioulas, do associativismo, do cooperativismo e do desenvolvimento comunitário sustentável. Diante do desafio e das adversidades de sobrevivência, não sucumbiu minha fé e convicção que a agroecologia e a cooperação harmônica entre vizinhos, é a saída para permanecer na terra, sem precisar submeter à agricultura convencional ou arrendar a terra para terceiros que replicam toda logística capitalista do agronegócio industrial financeiro.

Foi em 2012 que comecei uma reviravolta, fazendo parte da cooperativa Bionatur, como guardião de sementes crioulas agroecológicas. Já em 2016, inovei, implantando um sistema de produção agroflorestal (SAF), participando do grupo Da Floresta,

7. A EFA-SUL E A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Em 16 de maio de 2016, voltei a estudar na Escola Família Agrícola da Região Sul (EFASUL), fazendo o ensino médio e o Técnico em Agroecologia, pelo período de três anos e seis meses, seguindo o método da pedagogia da alternância, permitindo ressignificar o sentido do território denominado Santuário Agroecológico. Minha humilde contribuição para a pedagogia das agrárias, como educador militante da educação do campo, egresso da EFASUL. Estou falando de um lugar e espaço de



conflitos, que é a produção de alimentos como parte do conhecimento técnico e científico, com a participação direta dos educandos formando no ensino médio integrado com o curso de Técnico em Agroecologia.

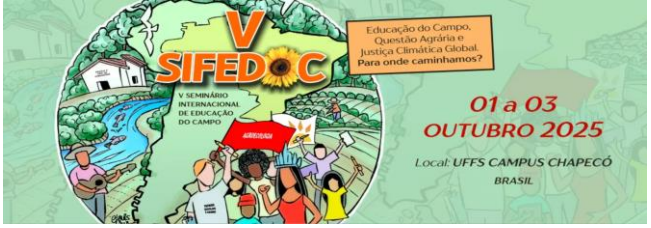
Em novembro de 2021, um amigo me informou e convidou para estudar na UNIPAMPA-campus Dom Pedrito, no curso de Licenciatura em Educação do Campo. Sabendo da minha aprovação, senti o início de um novo tempo e momento da minha vida. Quando cheguei e entrei no ambiente universitário, subindo a escada com as malas para o alojamento, pensei falando em voz baixa: “começo hoje a conquistar o novo mundo”, graduando da Licenciatura em Educação do Campo, com ênfase nas Ciências da Natureza e na Agroecologia.

8. A TÍTULO DE CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO MILITANTE DE UM EDUCADOR DO CAMPO AGROECOLOGISTA

A agroecologia na educação do campo é um processo desalienador, com bases nos conhecimentos científicos e nas práticas produtivas. A utopia se aproxima cada vez mais da realidade, para ver, conhecer, diagnosticar e intervir para transformá-la com planejamento e prática. Foi com a mística da terra, a boa intenção que o processo de trabalho de pesquisa foi acontecendo. Agora o resultado crucial é a divulgação do trabalho junto à comunidade científica, ao poder público e à imprensa, para informar e despertar a curiosidade, e o interesse da Comunidade para adesão à Agroecologia. Fortalecer as organizações e as práticas existentes em Agroecologia. Fazer cursos de capacitação técnica em agroecologia em diferentes comunidades onde exista unidade de produção familiar agroecológica ou em transição.

Fazer um debate amplo com a sociedade sobre as mudanças climáticas e a importância da agricultura agroecológica, iniciativa popular e com apoio do legislativo para fazer por lei tornar a Agroecologia uma política pública municipal. O processo dos resultados esperados, a curto, médio e longo prazo, é melhorar a vida dos humanos, das propriedades e a relação com o meio ambiente.

REFERÊNCIAS



CARTA DA TERRA, 2000. Disponível em https://www.gov.br/mma/pt-br/composicao/secex/dea/3a-jornada-de-educacao-ambiental/material-de-apoio/cartadaterra.pdf, acesso em 07/05/2025.

COSTABEBER, José Antônio, CAPORAL, Francisco Roberto, WIZNIESWSKY, José Geraldo. O conceito de transição agroecológica: contribuições para o redesenho de agroecossistemas em bases sustentáveis. In. GOMES, José Carlos Costa, ASSIS, William Santos. Agroecologia: princípios e reflexões conceituais. Embrapa: Brasília, 2013.

EVARISTO, Conceição. Dez perguntas para: entrevista às jornalistas Tayrine Santana e Alecsandra Zapparoli. Rede Galápagos, 2020. Disponível em https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/, acesso em 12/07/2024.

MALUF, Renato. Prefácio – Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. In. NIEDERLE, Paulo André, ALMEIDA, Luciano, VEZZANI, Fabiano Machado (Orgs.). Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós, 2013. P. 5-12.

PETERSEN, Paulo. Agroecologia e a superação do paradigma da modernização. In. NIEDERLE, Paulo André, ALMEIDA, Luciano, VEZZANI, Fabiano Machado (Orgs.). Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós, 2013. P. 69-104.

STAUFFER, Anakeila de Barros et. al. Educação Básica e Agroecologia. In. DIAS, Alexandre Pessoa; STAUFFER, Anakeila de Barros; MOURA, Luiz Henrique Gomes de; VARGAS, Maria Cristina. Dicionário de Agroecologia e Educação. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2021. P. 348-355